



Data: 11.07.2020

Título: Aquilino, Paris e os modernistas

Pub: **Expresso** A Revista do Expresso

Tipo: Jornal Nacional Semanal

Secção: Nacional

Pág: 28;29



Aquilino, Paris e os modernistas

O escritor beirão testemunhou a primeira exposição futurista em 1912, chamou a atenção dos de "Orpheu" para o movimento e vibrou na boémia da capital francesa



Aquilino Ribeiro viveu nos exílios parisienses os primeiros e grandes pecados, a aprendizagem da cultura cosmopolita e o toque de graça que o fez escritor. Na Ville Lumière lançou o seu livro de estreia, "Jardim de Tormentas" (1913), escreveu para jornais e revistas e predestinou um título que chegou a ser apregoado — "Hilário Barcelas em Paris — O que Viu e Ouviu" — mas que a "certa altura mostra jeitos de se escapar à lei do seu criador" e acabou por ser grafado de "impublicável" (contou em "Abóboras no Telhado", de 1955). Ora, um ensaio de 1990 do investigador alemão Dieter Woll sustenta que, muito provavelmente, Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro se inteiraram daquilo que significava o futurismo por um desses textos publicados na imprensa portuguesa.

Apesar de Aquilino ter estado em Paris nos anos que foram levando Sá-Carneiro ao suicídio, na sua obra não refere o poeta, nem um encontro sequer casual, salvo um pequeno apontamento anónimo no seu livro de estudos "Por Obra e Graça" (1938). O mesmo sucede com outras figuras ligadas ao movimento modernista, e

que neste rastilho de itinerários se encontram omissas ou praticamente diluídas na sua escrita. É sobre este pedaço da espantosa aventura que foi a vida de Aquilino que em seguida nos dedicaremos.

OBSERVANDO FUTURISTAS

Revolucionário por natureza e ação, andarilho de fugas e de exílios, como o definiu Maria Alzira Seixo, Aquilino encontrou na capital francesa o mais belo abrigo da sua mocidade. "Nunca tive em Paris uma dificuldade que não resolvesse. É uma cidade feita para dar a quota razoável de felicidade aos homens, e todos os seus costumes, todas as suas leis, e toda a compreensão das gentes concorre para realizar este desideratum", confessou numa entrevista em 1952.

A demanda do primeiro exílio, em 1908, redunada de um enredo conspirativo com a Carbonária em Lisboa, que o levou primeiro à prisão, depois a fugir do cárcere e, finalmente, com a sua valise e o seu monóculo a armar ao janota, a tomar o trem de luxo. Em Paris permaneceu seis anos, com interregnos em Portugal e na Alemanha. Residiu onde a carteira permitiu, mas sempre próximo dos lugares que o ajudaram a formar-se como homem do mundo, aberto aos sabores da aprendizagem, conhecendo e estudando profundamente os escritores, poetas e artistas plásticos, assumindo-se como um "geógrafo urbano" no mais apuro do sentido do termo, pela forma como pontua o ritmo da escrita na descoberta de uma cidade inquieta.

As suas primeiras moradas parecem acomodar uma correspondência com a itinerância do pintor Manuel Jardim, que "tinha chegado a Paris na primeira década posterior à Exposição [Universal de 1900], quando a grande cidade era para portugueses um mundo virgem, sito lá para a constelação de Hércules" ("Por Obra e Graça"). Depois de uns meses em Montmartre, o ritmo acercou-se da montanha apocalíptica

do Panthéon, onde viveu alguns anos, na Rua Descartes. Frequentou a Sorbonne, abançou pelos cafés do Boulevard Saint-Michel e andou por antiquários e muscus em encantada romaria. Na Biblioteca Sainte Geneviève, à ilharga do Panthéon, compôs boa parte de "Jardim das Tormentas" e travou relações com o clássico Xenofonte, de quem traduziu "A Retirada dos Dez Mil". É certo que, pelo menos no começo da estadia, envolveu-se na boémia artística. Veja-se a sua participação na reconstituição fotográfica de uma pintura bíblica, uma tradição dos Bals des Quat'Z'Arts, espécie de carnaval (nada pudico) dos estudantes da Escola de Belas-Artes de Paris (Amadeo de Souza-Cardoso fez o mesmo numa famosa foto de 1906 com outros pintores portugueses, encenando o quadro "Los Borrachos" de Velázquez).

A colaboração com a imprensa tornou-se necessária para aumentar os rendimentos, já que o curto peccúlio que o pai lhe fornecera esgotara-se de uma só penada. Publicou um conjunto alargado de crónicas e noveletas na imprensa portuguesa. Um desses artigos terá influído o conhecimento do movimento futurista nos criadores de "Orpheu". Quem o afirma é Dieter Woll (em "Sá-Carneiro, Aquilino e o Futurismo", no catálogo da exposição do centenário do nascimento do poeta na Biblioteca Nacional) ao avançar a hipótese muito fascinante quando imputa que algumas passagens num texto de Aquilino para a revista "Ilustração Portuguesa" teriam servido de inspiração para a "técnica interseccionista numa série de poesias" incluídas no segundo número da revolucionária revista. Mas vai mais longe, ao propor que um certo reflexo do futurismo teria dado a sua primeira entrada na literatura portuguesa através de um "trecho inicial do conto 'Mistério' de Sá-Carneiro, redigido em Lisboa em 1913 e incorporado em 1915 no volume 'Céu em Fogo'".

Tudo aconteceu por força da exposição dos futuristas italianos que teve

lugar em fevereiro de 1912, na Galeria Bernheim Jeune, situada no corrupto dos grandes boulevards haussmannianos. Aquilino redigiu em poucos dias o belo texto "A pintura 'futurista'" para a "Ilustração" de 11 de março, acompanhado de oito reproduções de quadros de Boccioni, Severini e Russolo:

"Acaba de aparecer em Paris uma coisa estupenda, inimaginável: a arte futurista. Um habitante de outro planeta exibido numa jaula, não provocaria mais sucesso nem mais concorrência. Os sequiosos de novidades desalteraram-se. Os amorosos de inédito desmaiaram de vultuosidade. O *nihil novi sub sole* caducou formalmente. É Bernheim-Jeune que oferece a Paris, na sua galeria famosa, este espetáculo mais sensacional que as danças do Camboja em 1909. Paris passa por lá, comove-se, extasia-se, empina-se, apupa, e sai divertido plantando: *quels types!* Com efeito, *quels types,* os futuristas! (...) Imagine-se o mundo marchando de esguelhas, todas as torres como a Torre de Pisa, as casas a vergarem de pânico, os *autobus* de Paris, estas suaves arcaes de Noé, de freio nos dentes".

Aquilino ainda se encontrava em Paris quando Sá-Carneiro nela saudou o futurismo. Todavia, não se descortinam quaisquer referências a encontros com este ou outros contemporâneos modernistas, exceção para uma citação matizada em "Por Obra e Graça": "Paris, estupendo almofariz de almas e de corpos, britou-o como a tantos outros pobres lusíadas, António Nobre, Mário Sá-Carneiro, Amadeu Cardoso, Santa Rita, Armando Basto, José Pacheco, Manuel Jardim e quantos mais." Como afirmou Alfredo Margarido num artigo para a revista "Colóquio Letras" em 1985, tratou-se simbolicamente de um "não encontro histórico, na medida em que os dois grandes autores iam enunciar propostas estéticas fundamentais para a criação portuguesa, mas completamente separadas na forma como no conteúdo".

O enigma revela-se ainda mais insondável e misterioso quando pensamos em Amadeo de Souza-Cardoso, já que os esboços das suas vidas peroraram os mesmos itinerários sem que se conheçam quaisquer ligações. Quando Aquilino casa com a sua primeira mulher, a alemã Grete Tiedemann, permanece alguns meses em Schwerin, Mecklemburgo, para depois regressar a Paris ao 14^o *arrondissement* , onde reside na Rue Hallé, entre maio e agosto de 1913. A rogo de Grete instalou-se, mais tarde, a escassas centenas de metros, num primeiro andar de um edifício ao estilo haussmanniano mais adequado ao perfil burguês da alemã. Ficava no número 67 da Rue Dareau (hoje Rue



TEXTO AQUILINO MACHADO NETO DE AQUILINO RIBEIRO

Área: 1296cm² / 50%

Foto: 123.400

Foto: 4 Cores

ID: 6693751



FOTOGRAFIAS CEDIAS PELOS HERDEIROS DE AQUILINO RIBEIRO



PARIS II 1 Manuel Jardim e Aquilino, em Paris, em 1910 2 Aquilino é o primeiro à esquerda, em encenação para um dos Bals des Quat'z Arts 3 Com a primeira esposa, Grete Tiedemann, e o filho Anibal, em 1914 4 Caderno de apontamentos 5 Postal enviado para Grete em 1912 6 Ficha de leitor na Biblioteca Saint-Geneviève 7 Retratos em Paris, durante o segundo exílio, em 1927



Rémy Dumonceil, 9). Qualquer uma destas moradas acercava-se do último ateliê de Amadeo em Paris, situado no número 20 da Rue Cresson.

Na verdade, o círculo de amizade de Aquilino recortava-se em torno de um grupo de jovens artistas plásticos, que eram, entre outros, Manuel Jardim, a quem dedica um comvente capítulo em “Por Obra e Graça”, Armando Basto e o escultor Anjos Teixeira. A estes juntar-se-ia o caricaturista Leal da Câmara, que houvera impor-se em Paris através da colaboração com os jornais de humor “L’Assiette au Beurre” e “Le Rire”. A correspondência trocada entre Aquilino e Leal revela uma amizade de densidade solar e é particularmente importante porque o desenhista influenciara alguns jovens portugueses em Paris, como Souza-Cardoso e Basto, e com eles acamaradou.

O ELOGIO DE PESSOA

O regresso de Aquilino a Portugal dá-se com o eclodir da execranda Primeira Grande Guerra. O beirão vive com a família entre o Campo Grande e Santo Amaro de Oeiras. Torna-se professor da Secção de Letras do Liceu Camões e ingressa, a convite de Raul Proença, como segundo bibliotecário para a Biblioteca Nacional. Faz parte do grupo que lança a “Seara Nova”.

Apesar da condescendente crónica parisiense sobre a pintura futurista, não são conhecidas quaisquer referências de Aquilino ao grupo modernista de Lisboa. Um artigo de 2006 de Graça Videira, “Aquilino e os Modernistas

Retratos Cruzados da Primeira República”, exacerbava o confronto entre estas duas polaridades que em termos literários se configura e se impõe. Mas estes dois campos confrontam-se também através de uma oposição política e social. Como assegura aquela investigadora, o traço biográfico de Aquilino e dos homens da geração de “Orpheu” opõe-se e separa os seus mundos, num confronto traçado entre uma dada ambiência urbana e rural: “os futuristas são, na sua esmagadora maioria, lisboetas de origem média-alta, nados e criados em Lisboa, em famílias letradas e com algum desafogo económico, Aquilino é o beirão de Carregal de Taubosa, filho de padre e ex-seminarista, que Lisboa acolhe”.

A obra literária de Aquilino começa então a assentar os seus fundamentos num aedo de vocação continental, parafraseando David Mourão-Ferreira, com dois volumes na década de 10, “A Via Sinuosa” e “Terras do Demo”, e outros três da seguinte, “Filhas de Babilónia”, “Estrada de Santiago” e “Andam launos pelos Bosques”. Neles intercala outras publicações, como aquela que integra o número oito da revista

“Contemporânea” de José Pacheco, em 1923, e que reproduz passagens de “Inversão Sentimental”, conto incorporado em “Jardim das Tormentas”, tão fiel a certas tinturas do cosmopolitismo, na visão de Alfredo Margarido. Neste número da revista associaram-se autores como Fernando Pessoa, que admirava o escritor beirão, tal como o manifestou numa carta ao poeta espanhol Adriano del Valle no mesmo ano: “Também tencionava enviar-lhe os dois livros de contos de Aquilino Ribeiro, ‘Jardim das Tormentas’ e ‘Filhas de Babilónia’, mas, como se referiu a Aquilino, fiquei sem saber ao certo se já teria estes livros dele. Tem-os? Se os não tem, envio-lhes, pois são dos que vale a pena ler. A linha estrutural das narrativas é menos perfeita que a dos contos de [António] Patrício; são, em todo o caso, livros de um grande prosador.”

O regime republicano entrava então no ocaso. Implicado na revolta contra a ditadura militar, que eclodiu em fevereiro de 1927, fugiu à perseguição policial exilando-se novamente em Paris. Em junho publicou em “O Século” uma crónica intitulada “A Consagração da Loucura”, na qual deixa transparecer uma recusa dos princípios modernistas:

“A esta hora, futurismo e cubismo morreram no domínio da arte pura. Voltam a raiar os ídolos antigos e a dar leis as academias. Os *rupins* e amassadores de greda regressaram ao desespero e sacrifício ingente de criadores. Mas perderam os dois estilos apocalípticos, explorados pela indústria de arte e arquitetura de bazar e *boite de nuit*. Os estabelecimentos que, dia a dia, vão abrindo na parte nova do Boulevard Haussmann ostentam a fachada mais ortodoxamente cubista; cubista é a grande marquise das Galerias Lafayette; nos cafés, o pincel futurista far-tou-se de pintar o mono. E, no Salão dos Artistas decorados, joalheria, vidraria, marcenaria lançam-se afoitamente nos trilhos lançados pelos temíveis inovadores.”

Quando o Estado Novo veio substituir o antigo Estado, em cujas leis, moral, clima político nasceu e se formou Aquilino Ribeiro, já este passara o equador da vida e tinha realizado uma parte da obra. Mas a sua formação libertária e os princípios republicanos que constituíam a sua personalidade literária mantiveram-se inalteradas. Esta primazia de pensamento livre constituiu, escreveu Oscar Lopes em 1985, uma assombrosa “riqueza arcaizada para todo o nosso sempre”. ●

o@doxpresso.impressa.pt

*Investigador no Centro de Estudos Geográficos, IGOT, Universidade de Lisboa

Área: 1296cm² / 50%

Tiragem: 123.400

FOTO: 4 Cores

ID: 6893751